

nova

escola

As marchinhas
dos presidentes



Irreverentes, rápidas, satíricas e sem poupar ninguém: as marchinhas de Carnaval são uma crônica do seu tempo, dos seus problemas e alegrias. Assim, desde o início da República poucos governantes deixaram de ser homenageados (ou criticados) por elas. Nesse material produzido pelo Nova Escola Box você poderá conferir as letras de três marchinhas do início do século XX que podem ser aproveitadas em sala de aula, acompanhadas dos dados biográficos do presidente em questão e também de um breve contexto histórico da época.

Foto: Biblioteca Nacional Digital



SEU MÉ

(1921)

Autor: Freire Jr. e Luiz Nunes Sampaio (Careca).

Intérprete: Bahiano, com o corpo de cordas “Canalha das Ruas” e a orquestra do Chico Bóia.

Gravadora: Casa Edison.

“O Zé-povo quer a goiabada campista.
Rolinha, desista,
Abaixe essa crista.
Embora se faça uma bernarda a cacete
Não vais ao Catete!
Não vais ao Catete!

Ai, seu Mé! Ai, Mé Mé!
Lá no Palácio das Águias, olé,
Não hás de pôr o pé. (bis)

O queijo de Minas está bichado, seu Zé.
Não sei porque é, não sei porque é.
Prefira bastante apimentado, laiá,
O bom vatapá, o bom vatapá”



Foto: Governo do Brasil/Galeria de Presidentes

ARTUR DA SILVA BERNARDES

NASCIMENTO	8 de agosto de 1875
FALECIMENTO	23 de março de 1955 (79 anos)
PROFISSÃO	Advogado
PARTIDOS	PRM (1900 a 1937) UDN (1945) PR (1945 a 1955)
GOVERNO	15 de novembro de 1922 a 15 de novembro de 1926

BIOGRAFIA E CONTEXTO:

Representante mineiro da política do “café com leite”, foi o primeiro presidente a tomar posse na vigência de estado de sítio no País após a revolta dos 18 do Forte de Copacabana, primeira insurreição tenentista. A situação foi renovada várias vezes ao longo de seu governo.

A situação política conturbada continuou ao longo do seu governo, com destaque para a Revolução de 1924 em São Paulo e a consolidação do tenentismo. Houve também problemas na área econômica, com grande aumento da inflação.

Curiosamente, apesar de ser um representante da República, Bernardes

buscou resgatar um pouco dos símbolos e da mística da monarquia: em 1925, posou vestido com emblemas da República na revista “A Semana” ao lado de uma antiga imagem de d. Pedro II.

Era muito impopular nas áreas urbanas, em especial no Rio, e a resposta foi dura para a época. A repressão atingiu até o autor da marchinha “Seu Mé”, Freire Júnior: mesmo assinando com o pseudônimo “Canalha das Ruas”, foi preso no início da estadia de Artur Bernardes no Palácio do Catete, então sede da presidência no Rio de Janeiro. Os discos também foram recolhidos por ordem da polícia, mas a marchinha continuou sendo cantada pelas ruas cariocas.

GOIABADA

(1922)

Autor: Eduardo Souto.

Intérprete: Bahiano.

Gravadora: Casa Edison.

“Não há mais goiabada
Que seja boa pra se comer.
Ficou tão estragada
Que o português já não quer vender.

Seu aquele, pra que tanto estrilo?
Foi você quem fez tudo aquilo.
Meu benzinho, caladinho escuta:
A goiaba nunca foi boa fruta. (bis)

Não há como o bom queijo
Que não puderam falsificar.
Então com bom café
Ai que delícia de paladar!

Seu aquele ...

O arroz de Pendotiba
Nunca chegou aqui ao mercado.
Nem mesmo lá em riba
O tal arroz nunca foi achado.

Seu aquele ...

O queijo finalmente
Sempre foi bom, nunca foi bichado.
E isso toda a gente
Já sabe bem, pois ficou aprovado.

Seu aquele ...”



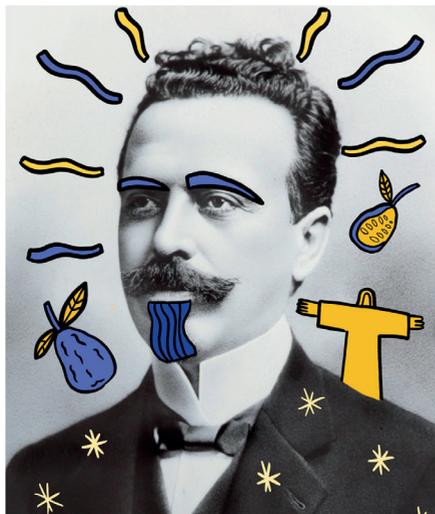


Foto: Governo do Brasil/Galeria de Presidentes

NILO PEÇANHA

NASCIMENTO	2 de outubro de 1867
FALECIMENTO	31 de março de 1924 (56 anos)
PROFISSÃO	Advogado
PARTIDOS	Republicano Fluminense
GOVERNO	14 de junho de 1909 a 15 de novembro de 1910 <i>(era vice e tomou posse após a morte de Afonso Pena)</i>

BIOGRAFIA E CONTEXTO:

Nilo Peçanha ocupou a presidência do Brasil apenas por um ano e meio, entre junho de 1909 e novembro de 1910, após a morte de Afonso Pena, de quem era vice. Durante os meses de seu governo, criou o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e nomeou para a função o marechal Cândido Rondon. Nascido em Campos (RJ) em 1867, foi também um dos fundadores do Partido Republicano Fluminense, deputado federal, senador e ministro das Relações Exteriores em 1917.

A marchinha “Goiabada” data de 1922, época da disputa com Artur Bernardes pela presidência do Brasil. Naquele ano, uniram-se em torno de sua candidatura

os estados do Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e o Rio de Janeiro, a chamada “Reação Republicana”. Essa oposição tentou fazer uma campanha “à americana”, como observou o historiador Boris Fausto no livro “História do Brasil”, percorrendo o País e procurando atrair o voto urbano.

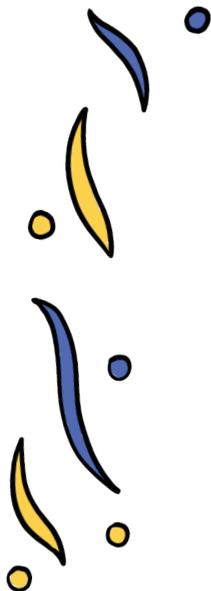
Foi uma figura importante no começo do século 20 no Rio de Janeiro, mas afastou-se da política após perder as eleições de 1922 e morreu em 1924. Há muitas sátiras preconceituosas e caricaturas da imprensa na época por conta de seus traços negros e essa identidade tem sido resgatada recentemente como objeto de pesquisa.

JÁ QUEBROU (1928)

Autor: José Luís de Morais (Caninha).

Intérprete: Frederico Rocha.

Gravadora: Odeon.



Já quebrou
Quebrou, eh, tudo agora
Está quebrada e não se pode consertar
O Zé Povo que tudo paga
Já nem sabe como se adoentar.
Vai quebrar, oi, vai quebrar
Sai da linha que te podes machucar

Anda tudo em quebradeira
As reformas não nos deixam sossegar
Todos dizem com certeza
O cruzeiro é que nos vai salvar
Vai quebrar, oi, vai quebrar



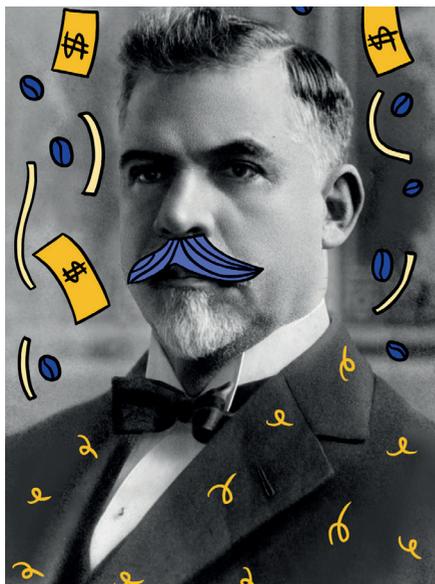


Foto: Governo do Brasil/Galeria de Presidentes

WASHINGTON LUÍS PEREIRA DE SOUSA

NASCIMENTO	26 de outubro de 1869
FALECIMENTO	4 de agosto de 1957 (87 anos)
PROFISSÃO	Advogado e historiador
PARTIDOS	Republicano Federal Republicano Paulista
GOVERNO	15 de novembro de 1926 a 24 de outubro de 1930

BIOGRAFIA E CONTEXTO:

Sucessor de Artur Bernardes, Washington Luís nasceu em Macaé (RJ), mas construiu sua carreira política em São Paulo e representava os interesses dos barões do café paulistas no jogo das elites na Primeira República. Além da marchinha escolhida acima, há outra música cujo título faz justamente alusão a esse fato: “Paulista de Macaé”, toada otimista composta por Pedro de Sá Pereira e interpretada por Frederico da Rocha, que foi também um grande sucesso no Carnaval de 1927.

Seu governo acabou sendo o último do arranjo de forças que marcou o início da República no Brasil. Antes mesmo da Crise de 1929, a economia brasileira já andava mal das pernas e um dos objetivos do presidente era justamente estabilizar a moeda, tornando o papel-moeda conversível para o ouro ou moeda estrangeira forte. A mudança, porém, não aconteceu. Composta em 1928, antes, portanto, da crise mundial iniciada em Nova York, a marchinha “Já quebrou” reportava a instabilidade econômica da época e a expectativa por uma reforma.

A crise que levou ao fim a Primeira República e à ascensão de Getúlio Vargas no cenário político brasileiro teve seu estopim durante a sucessão de Washington Luís, que decidiu romper o arranjo do café com leite e indicar um paulista, Júlio Prestes, para ocupar a cadeira de presidente – e não um representante de Minas Gerais. Com isso, os mineiros aliaram-se com o Rio Grande do Sul

e a oposição lançou a candidatura de Vargas. Em plena campanha eleitoral, estourou a crise de 1929, complicando a situação do setor cafeeiro de São Paulo. Indicado por Washington Luís, Júlio Prestes venceu as eleições em março de 1930, mas, em outubro a revolução de 1930 explodiu e, um mês depois, Getúlio Vargas tomou posse no Rio de Janeiro.

Palácio do Catete – Foto: Halley Pacheco de Oliveira/Wikimedia Commons



SAIBA MAIS

A República Cantada: do choro ao funk, a história do Brasil através da música, de André Diniz e Diogo Cunha. Editora Zahar (2014).

Os autores apresentam e contextualizam, de maneira leve, as principais canções que embalsamaram os brasileiros desde a época do Império até os tempos atuais. Além de curiosidades, traz também uma linha do tempo do período.

Quem foi que inventou o Brasil? A música popular conta a história da República - Volume I, de Franklin Martins. Editora Nova Fronteira (2015).

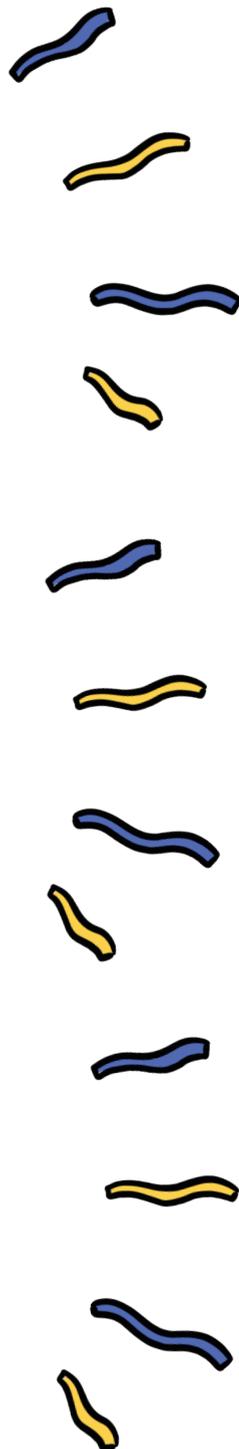
A pesquisa identificou mais de mil músicas inspiradas em figuras ou episódios políticos brasileiros. Além do contexto histórico, a obra resgata também as letras originais de polcas, marchinhas e outras canções ao longo da história da República.

História do Brasil, de Boris Fausto. Editora Unesp (2013)
Em mais de 600 páginas, o clássico de Boris Fausto é uma boa referência para estudar História do Brasil.

As Barbas do Imperador, de Lilia Moritz Schwarcz. Editora Cia das Letras (1998)

O livro explora a monarquia brasileira acompanhando a trajetória do imperador D. Pedro II, resgatando também histórias da República, como a aproximação feita por Artur Bernardes dos símbolos monarquistas.

Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi, de José Murilo de Carvalho. Editora Cia das Letras (2019)
O livro enfoca a cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, do início da República (1889) até o governo de Rodrigues Alves, mostrando os entraves da participação popular real na então jovem democracia brasileira.



nova

escola

Reportagem

TORY HELENA

Edição

PEDRO ANNUNCIATO

Consultoria Pedagógica

JOSÉ MARCOS COUTO JÚNIOR

Revisão

ALI OINASSIS

Ilustrações

ANA MATSUSAKI

Diagramação

CARONTE DESIGN